

O GÊNERO CRÔNICA: UM NOVO OLHAR PARA O MEU DIA A DIA - MEU LUGAR ME REPRESENTA.

Maria do Socorro Costa de Araújo¹
Francisca Costa Neves²
Vanderley Soares Felix³
Ellany Dias Alves⁴

RESUMO

Esta pesquisa de caráter bibliográfico traz uma proposta de leitura, escrita e uso de algumas tecnologias digitais com o intuito de mostrar aos alunos através de suas próprias vivências, o lugar que os representassem por meio de suas lembranças afetivas. Pois havíamos observado, durante as aulas remotas, que os alunos andavam dispersos, e infelizmente, o momento de pandemia estava contribuindo de maneira negativa para a baixa, letramento e participação dos estudantes. O projeto: “O gênero crônica: um novo olhar para o meu dia a dia - meu lugar me representa”, foi realizado com a turma do 9º ano “A”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Celeste Pires Leite, Catingueira-PB, na busca de resgatarmos esses estudantes e proporcionarmos atividades mais interativas e significativas. A metodologia utilizada contou com entrevistas (escritas, em áudio ou vídeo) dos pais, captura de imagens e fotografias, e da apreciação dos textos “A última crônica”; de Fernando Sabino e “O Papa vai ao banheiro?”; de Tiago Germano.” Essas propostas puderam proporcionar aos estudantes uma aprendizagem relevante, por meio de produção da entrevista, imagens, e diálogos com os textos e autores. No decorrer do projeto os estudantes começaram a produzir suas próprias crônicas, escritas à mão e/ou com uso de algumas ferramentas digitais como: Word, vídeos, áudios, etc. Todas as atividades contribuíram para o protagonismo dos discentes. A culminância do projeto se deu por meio de uma videoconferência, online e off-line, onde foram apresentadas todas as atividades elencadas a comunidade escolar.

Palavras-chave: Crônica, Leitura, Escrita, Tecnologias.

INTRODUÇÃO

Infelizmente, ainda se vive em 2021 um contexto de pandemia mundial, causada pela covid-19 (novo coronavírus-2019), porém há uma esperança de vitória através da vacinação. Esse vírus abalou de maneira agressiva e prejudicial, não só a saúde pública, mas também as estruturas educacionais e o ensino-aprendizagem.

¹ Pós-graduada pelo Curso de Letras (Português/Inglês) das Faculdades Integradas de Patos- FIP - PB, prof-socorro1@hotmail.com;

² Graduada pelo Curso de Matemática Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, franciscaneide1978@gmail.com;

³ Pós-graduado em Educação Matemática pela Universidade Candido Mendes - RJ, vanderley10x@gmail.com;

⁴ Pós-graduada pelo Curso de Estudos Linguísticos e literários do Instituto Pró-Saber., ellanydias1@hotmail.com;

Diante desse contexto, criou-se um cenário novo em relação as nossas práticas pedagógicas. Escolas, professores e todos os profissionais da educação tiveram que se reinventar de maneira mais interativa e inovadora para que a educação continuasse a ter significado. Para Cordeiro:

A criatividade dos professores brasileiros em se adaptar à nova realidade é indescritível no que se trata da criação de recursos midiáticos: criação de vídeo aulas para que os alunos possam acessar de forma assíncrona além das aulas através de videoconferência para a execução de atividades síncronas como em sala de aula. Uma revolução educacional sobre o quanto a tecnologia tem se mostrado eficiente e o quanto as pessoas precisam estar aptas a esse avanço tecnológico (CORDEIRO; p.06, 2020).

Cientes do evidenciado, porém, foram muitas as dificuldades, nós, professores, estávamos trabalhando muito mais e agora cada vez mais expostos às redes sociais. Outro fato que nos atingiu de maneira bem expressiva, economicamente falando, foi a compra de equipamentos tecnológicos adequados e internet de mais qualidade para o bom desempenho de nossas aulas online e gravadas.

No entanto, nunca se recorreu tanto aos tutoriais do Youtube e de outras ferramentas de pesquisas digitais. Aprendemos a produzir e editar videoaulas, usar plataformas e ferramentas digitais, ministrar videoconferências, etc.

As escolas públicas são as que mais sofreram com essa mudança educacional, por não terem uma estrutura, equipamentos apropriados e políticas públicas para sanar esses desafios, isso sem contar, com a fragilidade dos cursos de capacitação que são ofertados aos seus docentes.

De acordo com o pressuposto, disponibilizamos nas aulas remotas atividades impressas para os educandos da zona rural e da zona urbana, que não tinham acesso às tecnologias digitais e nem à internet. Sabemos que essas matérias não atendem a todas às necessidades dos nossos alunos, porém eram as opções que tínhamos no momento.

As aulas através do MEET e Google Classroom, ministradas por nós professores, da Escola Maria Celeste Pires Leite, Município de Catingueira-PB, também não chegavam a todos os nossos alunos como gostaríamos, com mais qualidade, pois alguns deles tinham aparelhos tecnológicos (celulares/computadores...) precários e outros não possuíam internet suficiente para acompanhar as aulas online ou gravadas.

As aulas híbridas, crê-se, que segundo a secretária de Educação do Município, só a partir de agosto de 2021, deverão acontecer, caso não surja outro decreto. Pensa-se que ela proporcionará mais interação aluno-professor-escola, apesar dos distanciamentos corporais em

sala. Essa nova forma promoverá, acredita-se, mais interesse e ânimo em nossos estudantes, uma vez que, os mesmos passarão a ter outra opção além das aulas remotas assíncronas (gravações) e síncronas (ao vivo).

O ensino híbrido é um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino online, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência (CHRISTENSEN; HORN; STARK, 2013, p.7).

Porém, enquanto essa realidade não chega a nossa escola, nós, educadores, saímos da nossa zona de conforto e lutamos por uma educação melhor, de maneira coerente e usando da resiliência.

“A resiliência se define como a capacidade dos seres humanos de superar os efeitos de uma adversidade a que estão submetidos e, inclusive, de saírem fortalecidos da situação.” (MELILLO, 2004A, P. 63). Esse conceito nos fez entender que as dificuldades sempre irão existir, porém devemos procurar caminhos para superá-las, sem vitimização.

Tínhamos que transformar esta realidade, que estávamos vivenciando no momento, em algo propício para os nossos discentes, que precisavam de um novo olhar, de metodologias mais ativas.

A metodologia ativa de ensino advém da pedagogia problematizadora na qual além de ter como objetivo a dissolução da relação hierárquica entre professor e aluno, também constantemente estimula o discente a pensar de forma crítica e a solucionar problemas, corroborando com os princípios de (FREIRE, 1996, p. 26)

Nessa vertente, pensou-se em um projeto que tivesse como objetivo o estímulo da criticidade, da resiliência, do protagonismo e da leitura e escrita proficiente dos nossos alunos, através do gênero “crônica”. Pois foram muitas as mudanças na educação, diante do cenário de pandemia, essas, porém, acabaram refletindo de maneira negativa na assiduidade, participação, estímulo, compromisso e letramento de nossos discentes.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2003, p. 40).

Embora alfabetizados, mas precisando melhorar suas práticas de letramento em seus contextos educacionais e sociais. Os estudantes precisavam vencer as adversidades da vida e

ampliarem suas múltiplas linguagens, nada melhor do que desafiá-los a construir e reconstruir seus próprios conhecimentos através de atividades que despertassem relevância.

Precisávamos pensar em algo que pudesse promover uma escolaridade que envolvesse um ensino-aprendizagem significativo. Em alusão ao biólogo Charles Darwin em sua tese “A origem das espécies”, vimos a necessidade de provocar o encorajamento dos nossos alunos, por meio de mensagens escritas, vídeos e áudios para que refletissem e se adaptassem as adversidades da vida, no contexto de pandemia.

Perante esse cenário, “o gênero crônica: um novo olhar para o meu dia a dia - meu lugar me representa”, poderia provocar nos alunos uma aprendizagem mais interativa e resiliente. O mesmo, trataria de atividades que abordariam, além do cotidiano dos estudantes, o lugar que exploraria suas recordações afetivas e os representariam de forma positiva.

Para isso também contamos com o uso de algumas tecnologias e ferramentas digitais (vídeos, word, whatsApp, etc).

O avanço das tecnologias digitais de informação possibilitou a criação de ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula, o que permite maior disponibilidade de informação e recursos para o educando, tornando o processo educativo mais dinâmico, eficiente e inovador. O uso das ferramentas tecnológicas na educação deve ser vista sob a ótica de uma nova metodologia de ensino, possibilitando a interação digital dos educandos com os conteúdos, isto é, o aluno passa a interagir com diversas ferramentas que o possibilitam a utilizar os seus esquemas mentais a partir do uso racional e mediado da informação (CORDEIRO, 2020, p. 04).

O ensejo nos mostra, que as tecnologias associadas às práticas educativas são de grande valia para uma aprendizagem expressiva, baseado nesse fato e nas dificuldades apresentadas, refletimos sobre algo que pudesse estimular, além da leitura e escrita significativa, o resgate do protagonismo dos alunos através de várias conexões e linguagens.

Partindo dessa conjuntura, o projeto “o gênero crônica: um novo olhar para o nosso dia a dia- meu lugar me representa”, despertou em nossos discentes um entusiasmo, visto que, falar de algo que conheciam e vivenciavam era bem mais prazeroso. A escolha do gênero crônica se deu por trazer à tona essas peculiaridades.

“recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que afaz mais digna de ser vivida [...] visa ao circunstancial, ao episódico” e numa “perseguição do episódico, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico” encontra-se o essencial do texto.(SABINO, 1965, p.174)

Essas circunstâncias explicita a relevância do gênero e sua abordagem nas aulas de Língua portuguesa e demais disciplinas, já que, “sendo ligada à vida cotidiana, a crônica tem que se valer da língua falada, coloquial, adquirindo inclusive certa expressão dramática no contato da realidade da vida diária” (COUTINHO, 1988, p. 306). Fator que foi pertinente para o entusiasmo e desenvoltura das produções apresentadas pelos alunos, em suas práticas de leitura e escrita proficiente.

METODOLOGIA

A referida pesquisa, de caráter bibliográfica, partiu do instante em que se observou, através das aulas remotas, a queda na assiduidade e na participação dos alunos, do 9º ano da Escola Maria Celeste Pires Leite, Catingueira-PB. A pesquisa bibliográfica:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

Partindo do pressuposto, podemos constatar a importância da pesquisa bibliográfica para o trabalho acadêmico e docente e sua relevância para as práticas em sala de aulas. Ainda sobre a pesquisa bibliográfica, “[...] resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”, e “[...] trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.” (BOCCATO, 2006, P. 266). Essa teoria somada a nossa prática, sem dúvidas, contribuiu de maneira pertinente para o desenrolar do projeto.

Vimos que os estudantes necessitavam mudar o foco, sair do desânimo que a pandemia os alimentou, para isso, propusemos que agrupassem seus conhecimentos prévios a novos saberes, esses iriam favorecer suas práticas acadêmicas e sociais, vinculadas as várias linguagens e conexões tecnologias.

Enfrentamos grandes desafios, pois vários alunos da zona rural e urbana não tinham celulares e nem computadores, e os que possuíam, não contavam com acesso a internet de qualidade. Os desafios eram enorme, maior era a nossa vontade de ajudar aos nossos estudantes a superá-los.

Diante dessa circunstância, o projeto trabalhado, de forma remota, contou com várias métodos de aprediazgem, um deles foi o uso de atividades impressas, que eram enviadas aos nossos discentes por funcionários da escola, quando o pai não ia pegá-las. Os alunos que ficavam com dúvidas, em relação a essas tarefas, tinham a opção de escrever para o nosso “correio de recadinhos”, respondíamos a todos os questionamentos.

Outro método utilizado foram as aulas online e offline, videoconferência, whatsapp e E-mail, pois estávamos cientes do valor das tecnologias e de suas múltiplas linguagens e conexões para o melhoramento do ensino-aprendizagem de nossos educandos, como bem destaca a Base Nacional Comum Curricular na sua competência geral 5 da educação básica:

“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BNCC, 2018, p. 09)

No decurso do projeto e das aplicações dos métodos outora citados, pedimos aos alunos que entrevistassem seus próprios pais, esses falaram um pouquinho do lugar que moravam. Em outro momento, os discentes desenharam outros fotografaram o lugar que os representavam, que despertavam suas melhores lembranças afetivas, em seguida, falaram um pouco sobre esses locais. As entrevistas, imagens e os desenhos ficaram dignos de exposição, sem contar com as produções que provocaram humor e reflexão.

Dando continuidade, foi apresentado “A última crônica”; de Fernando Sabino, que proporcionou momentos de interação, eles amaram o texto, falamos sobre o mesmo e as características do gênero, em outro momento, expomos “O papa vai ao banheiro?”; de Tiago Germano, mostramos uma entrevista com o autor, no youtube, todos ficaram fascinados.

Após as leituras e releituras dos textos, abordagem do gênero e projeto, os discentes acolheram tudo com muito entusiasmo e foram logo dando sugestões: “Posso falar a verdade e inventar?”. Outro “coisas engraçadas e bobas, mas que acho divertido, posso falar?”. Por fim um aluno fez todos rirem. “Posso falar de qualquer coisa?”. Respondemos que sim. “Vou falar que todos os dias minha mãe acorda estressada, porque estamos dando muito trabalho em casa, éramos para estar na escola, ela não aguenta mais a gente”. Sobre essas singularidades que o gênero pode nos apresentar:

A crônica existe para o mísero mortal, ou seja, para nós, homens menores, isso é bom, pois desperta a humanidade que há em nós e que as misérias do mundo tentam

adormecer, matar talvez. A crônica acaba sendo a realidade que o leitor queria e, ao mesmo tempo, seu elemento transformador (BENDER E LAURITO, 1993, p.45)

Com base nessa conjuntura, explicamos que as crônicas podem ser baseadas em fatos reais e ficcionais e que elas abordam acontecimentos do dia a dia. Como o momento não era favorável a aglomerações, sugerimos que capturassem através de desenhos ou fotografias, o lugar que os representavam. Posteriormente, foi sugerido aos alunos, que entrevistassem seus próprios pais ou familiares, que moravam com eles.

Todas essas atividades realizadas, de forma impressa e através de vídeos e áudios, mostraram o protagonismo de nossos alunos. Freire (2011) já destacava a magnitude das metodologias ativas que estimulavam a autonomia dos estudantes, contribuindo de maneira pertinente para o uso de suas práticas sociais.

[...] assegurar um ambiente dentro do qual os alunos possam reconhecer e refletir sobre suas próprias ideias; aceitar que outras pessoas expressem pontos de vista diferentes dos seus, mas igualmente válidos e possam avaliar a utilidade dessas ideias em comparação com as teorias apresentadas pelo professor (JÓFIL, 2002, p. 196).

De acordo com o contexto, o projeto trabalhou de maneira relevante os conhecimentos prévios dos alunos e sua autonomia, em busca de novas possibilidades de aprendizagem, para isso também se criou um grupo no whatsapp, porque nem sempre dava para o aluno interagir no E-mail, MEET ou Google Classroom.

Sobre a culminância do projeto, incentivamos os alunos a participarem de modo ativo da sua criação, tínhamos dado as nossas sugestões como: videoconferência, exposição de todas as produções através de vídeo. Porém sentimos que eles queriam mais. Então argumentaram, “se em agosto as aulas começarem híbridas, poderíamos apresentar as produções também de forma presencial, de acordo com as medidas de segurança”.

Abraçamos a ideia. Para o convite e abertura do evento solicitamos a participação dos discentes também, foi sensacional, uma aluna usou o Tik Tok convocando toda a comunidade escolar a participar. Para abertura do evento cada um fez um pequeno vídeo, com frases e lugares que os representavam, enviaram-nos e editamos. A culminância foi memorável e propícia ao momento que estávamos vivenciando, aulas remotas, os alunos participaram e apresentaram, de maneira ativa, todas as atividades propostas no projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa bibliográfica, exposta nesse artigo, abordou as dificuldades de se trabalhar no ensino remoto com alunos do 9º ano “A” da Escola Municipal Maria Celeste Pires Leite, uma vez que são dois públicos diferentes, temos alunos da zona rural e urbana, estudantes com celulares e internet e outros apenas participando através de atividades impressas. Foram muitos os desafios e as aprendizagens.

Criamos parcerias com toda a comunidade escolar para obtermos celulares usados que pudessem ser doados aos nossos educandos. Conseguimos alguns, e isso foi de enorme valia para o desempenho do nosso trabalho, porém o desafio maior foi a internet, então pensamos nos comércios, nas igrejas e escolas próximas aos nossos estudantes, falamos com os responsáveis para deixarem a internet desbloqueada para o acesso de nossos estudantes, isso funcionou.

Como o momento que estávamos vivendo não permitia exposições nas ruas, nem aglomerações, essa foi a solução encontrada, pois a cidade se encontrava na bandeira laranja, e o decreto recomendava até o horário de recolhida.

Não atingimos 100% como gostaríamos. Mas todos os esforços valeram a pena. Tivemos o privilégio de ver um novo olhar dos nossos alunos sobre as aulas remotas e até de seus pais, que falavam: “os alunos não aprendem nada com essas aulas remotas.”

Mesmo sabendo da realidade que vive nossa cidade e o nosso país, não desistimos, não cruzamos as mãos, e sim buscamos uma educação que explorasse as práticas sociais e o protagonismo de nossos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se da relevância da leitura, da escrita e do letramento para o exercício da cidadania dos nossos alunos.

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz. (SILVA, 2003, p. 24).

Diante do exposto, o projeto, “o gênero crônica: um novo olhar para o meu dia a dia - meu lugar me representa”, despertou em nossos alunos um olhar mais criterioso em relação a importância da leitura, da escrita e do letramento prazeroso e significativo, influenciando de

maneira bem pertinente, na assiduidade, participação e compromisso dos nossos alunos nas aulas remotas.

Isso ficou nítido quando recebemos as produções textuais dos discentes, que desempenharam a sua cidadania no contexto de suas práticas sociais. E que mesmo em momentos difíceis, como estavam vivenciando, esses discentes conseguiram mudar o foco e evoluírem de forma considerável, no que se refere a sua aprendizagem e autonomia.

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados. (FREIRE, 2003, p. 5,6)

Pensando nisso, lembramos o quanto a crônica faz parte desse universo de letramento, ela está presente de maneira bem simples e natural no nosso dia a dia, despertando assim um gosto maior por falar de algo que vivenciamos.

“As práticas escolares brasileiras tendem a formar leitores, com apenas capacidades mais básicas de leitura, ligadas à extração simples de informação de textos relativamente simples.” (ROJO E CORDEIRO, 2004, P.10). Partindo dessa informação reafirmamos a importância de se trabalhar o projeto, já citado, que aborda a leitura e escrita e as relacionam a essas práticas educativas no cotidiano dos alunos, ressignificação atrelada ao lugar que os representam através de suas lembranças afetivas.

A culminância do projeto se deu-se através de uma videoconferência, online e off-line, e foi de grande valia, para a comunidade escolar, vimos o engajamento dos pais e familiares, isso deixou os nossos discentes mais animados e otimista.

Esperamos que esse projeto também possa contribuir de maneira positiva para novas pesquisas e trabalhos docentes.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Aprender e ensinar com foco na educação híbrida**. São Paulo: Revista Pátio, nº 25, p. 45-47, jun. 2015.

BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde (Org). **Crônica: História, teoria e prática**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CORDEIRO, K. M. A. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020. Disponível em:
<http://oscardien.myoscar.fr/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf>

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1988.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. Disponível em http://porvir.org/wp-content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blendedlearning-disruptive-Final.pdf. Acesso em 18 set 2015.

DARWIN, C. R. **On the origin of species by means of natural selection**, 1859. **A origem das espécies e a seleção natural**, tradução FONSECA, E. N., 1. Ed. São Paulo, Leopardo Editora, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Marisa Lajolo. (Org) São Paulo: Moderna, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERMANO; Tiago. **O papa vai ao banheiro**. Demônios Domésticos. Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS): Le Chien, 2017.

JÓFILI, Zélia. Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. **Educação: Teorias e Práticas**. v. 2, n. 2, p. 191-208, dez 2002.

Melillo, A. (2004a). **Realidad social, psicoanálisis y resiliencia**. In A. Melillo, E. N. S. Ojeda & D. Rodríguez (Orgs.), *Resiliencia y subjetividad* (pp.63-76). Buenos Aires: Paidós.



ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2004.

SABINO, Fernando Sabino. **A última crônica**. In: A Companheira de Viagem. Rio de Janeiro: Editora Record, 1965.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas**. 2. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/o-papa-vai-ao-banheiro/index.html.